EM BUSCA DO SABOR PORTUGUÊS

DE ANA CARLA GOMES FEDTKE E EBERHARD FEDTKE

A reunião está marcada para as 11.00 horas no meu escritório alemão. Os Clientes são dois portugueses novos, ainda rapazes de 25 e 27 anos, cheios de vitalidade. O tema do nosso encontro é o de estabelecermos um bom plano para eles emigrarem da Alemanha para Portugal. Um cenário fora de série porque, aqui neste caso de hoje, a palavra emigração representa o caminho com direção *de fora* para Portugal e não o contrário. Estes dois indivíduos com dupla nacionalidade e uma educação luso-alemã, nascidos na Alemanha, Jorge e Paulo de nome, querem emigrar da sua pátria de nascimento para o país dos seus pais. Eles, há 29 anos que emigraram, na verdade, para fugirem à miséria de Portugal. Ele – José – é o filho nº 5 dum lavrador pobre, ela – Margarida – é professora de inglês e espanhol, sem trabalho fixo, com cansativas lutas todos os anos para encontrar colocação em qualquer parte deserta do país. Saíram em primeiro lugar para o Luxemburgo e depois de um ano de incertezas para Alemanha. Neste tempo, este país conhecia um período de próspera economia. Chegado o tempo da reforma, regressaram, após 29 anos na diáspora, *a minha terra* os dois cosmopolitas com uma reforma respeitável. Voltaram para Portugal, onde nasceram, em condições económicas e sociais absolutamente miseráveis. Mas agora, depois da sua vinda, finalizaram uma casa própria para se instalarem em definitivo no Alentejo, a casa foi concluída a pouco e pouco com uma parte do dinheiro ´em 29 anos fora´. Os dois filhos quiseram ficar na Alemanha, assistindo-lhes neste país, desde o nascimento, uma vida social segura, incluindo emprego numa firma de produção têxtil, uma vez que ambos escolharam da área formação e de comercialização de têxtil – Textilkaufmann –, incluindo uma educação complementar conforme *o sistema dual alemão* na *Berufsschule.*

Brincámos no meu escritório com termos como *emigração, reimigração, minha terra, qualificação europeia, divergências culturais e vantagens de crianças que beneficiam com o multiculturalismo.* De vez em quando coloquei as minhas mãos em frente da cara, para ouvir apenas as vozes dos dois visitantes, sentados em frente de mim. Falavam num puro e inconfundível dialeto de *schwäbisch,* o sotaque de um povo alemão regional no Land Baden-Württemberg, geneticamente conhecido e caracterizado pelas suas idiossincrasias coletivas, pela obsessão e vontade de investigar, inovar, e em demasia trabalhar, agindo sempre com uma inquietação criativa, uma agitação contagiosa e paixão insaciáveis. Os dois putos falavam dum investimento planeado no estrangeiro, num dialeto agradável e musical com uma sonoridade bem-disposta. Stuttgart, a capital de Baden-Württemberg, é o centro industrial de criações e inovações históricas no setor automóvel: produtos como Daimler, Benz, Mercedes, o protótipo *Käfer* da Volkswagen e também a Porsche decoram a carta de visita deste povo inventor de *Schwaben.*

José e Margarida trabalhavam ambos no grande império da Mercedes, depois de um período de familiarização com a vida nova e a profissão, assim como com a mentalidade de *Schwaben.* Ele trabalhava na linha de construção de carros, ela começou por trabalhar numa das cantinas da empresa, sendo depois promovida para a administração como tradutora em língua inglesa e espanhola, uma vez que se exportava cada vez mais à escala do mercado mundial da Mercedes, para a América do Norte, América do Sul e para o resto do mundo. Os dois filhos Jorge e Paulo aproveitaram desta aspiração e interação das qualidades e virtudes alemãs, quero dizer, das evidentes capacidades *stuttgardenses,* objeto de profunda inveja de outros cidadãos alemães, no resto do país. Poucos são capazes de replicar esta energia e iniciativa extraordinárias.

Sempre que tirei as mãos da cara, vi em frente a mim dois rapazes autenticamente portugueses, com caras tipicamente alentejanas: sérias, de origem nitidamente árabe, com olhos escuros e despertos, com um misto de tímidos e sonhadores. Gozei com esta biografia particularmente apresentada em qualquer momento da nossa conversa de *«preparação para emigrar para Portugal».* Senti-me familiar e muito orgulhoso, quando falaram com voz possessivamente íntima da Mercedes, um patrão potente do país, como ´o nosso automóvel. Sublinharam, por diversas vezes, com entusiasmo, que este é o produto e figura dominantes da criação *super–técnica* mundial nas garras da fórmula 1, embora contrariasse eu e relativizasse, com uma voz diplomática, a pesada monotonia desta apresentação do desporto automóvel. *«Tornou-se finalmente uma impertinência visual em frente à televisão»,* rematei eu. *«No desporto verdadeira»,* filosofei, *«deve tentar-se o possível para uma competição séria, não fazendo qualquer sentido ser praticado e demonstrado o puro e exclusivo domínio, igual a uma espécie de ‹show off›, como brilha a mercedes atualmente.* Eles riram-se deste ponto de vista *anti-mercedes,* mas, por outro lado, confirmaram, mudando a conversa, que a simplicidade rigorosa do caráter alemão é a base do extraordinário sucesso, em muitos segmentos da vida quotidiana, onde se manifesta na regra – por exemplo – que um mais um faz sempre dois, que a ligação entre dois pontos é sem exceção a linha direita, e ninguém recebe um prémio oficial para uma boa e inventiva ideia, sem que o resultado final fique profundamente provado.

Hoje, dez anos depois, estamos sentados, bem vestidos, num restaurante típico na Costa alentejana, Jorge o Paulo na companhia das suas mulheres, e eu com a minha esposa, por simples acaso, também ela filha desta famosa terra de calor, sobreiros, horizontes longínquos, e – de preferência – estradas direitas. Fazemos um pequeno resumo do que se passou nestes últimos dez anos, o período depois da emigração da Alemanha para Portugal, a *«nossa nova terra».* Eu pedi ao Jorge e ao Paulo para falarem alemão comigo, para que pudesse ouvir o sotaque tão simpático de *schwäbeln.* Nada havia mudado, lembrando a mesma irresistível sonoridade. Alegria pura para mim.

Os dois emigrantes, caríssimos clientes de muito trabalho em comum, finalmente casaram, Jorge com a sua noiva Sonja de nacionalidade alemã, e Paulo, tal como antevira o seu irmão nas nossas primeiras conversas na Alemanha, com uma beleza portuguesa, uma Lisboeta, Stella, encontrada numa feira de têxteis na capital, confirmando o destino do Paulo, a tese de Jorge sobre a possível exploração do rico mercado em inúmeros belezas no sítio.

Pouco a pouco – com a preciosa ajuda do bom vinho, naturalmente alentejano – reflorescerem os detalhes desta emigração para Portugal, vividos como se fosse hoje. A decisão fundamental foi tomada, mas não para seguir os pais José e Margarida, mas criar em Portugal um conceito próprio e permanente no sector da indústria de têxtil, uma hegemonia portuguesa, dando-me à altura o mandato para preparar com o nosso escritório, na filial em Portugal, todo o material seria necessário. O *business plan* de ambos foi o de estabelecer uma fabricação de roupa de cama, aproveitando a sua experiência profunda na entidade alemã de têxtil, vendo com olhos abertos um bom mercado em todo mundo. Um ponto de partida sério, depois de feitas determinadas sondagens e pesquisas, em cooperação com a Câmara de Comércio Luso-Alemão, da qual o meu escritório é sócio. O intuito era iniciar um projeto, começando com um número de funcionários entre 15 a 20 pessoas.

Falaram inicialmente as duas senhoras, conforme a educação alemã: volvidos estes dez anos, Sonja mostrou-se bem-disposta com a mudança definitiva para Portugal que conheceu e amou nas várias visitas de férias, acrescida de uma paixão para o ambiente social e cultural *leve* português. Ela comandava a contabilidade da firma. Tinha experiência de três anos no escritório dum consultor fiscal em Stuttgart. Assim aprendeu o peso e o poder do dinheiro, no bom e no mau sentido. Inicialmente, teve algumas dificuldades com regras especiais das Finanças portuguesas, ainda mais com o regime particular dos bancos portugueses. Afirmava também que era difícil lidar com a falta de fidelidade regular administração pública – na maior parte, constituída por uma burocracia lenta, típica dos séculos passado, com um pessoal , maioritariamente advindo uma muita, mas pouco eficaz *cunha* – perante a fraqueza do cidadão comum, mantendo, desta forma, a administração o seu exacerbado exercício do poder discricionário.

Stella foi incluída na administração de encomendas de matérias primas, falando agora, para além de português como língua materna, suficientemente alemão e nomeadamente inglês. Ela tinha a pasta da *«relação clientes e matérias primas».*

Os dois irmãos mantinham toda a concentração sobre a produção, a qualidade de produtos, a observação do mercado, a regularização de reclamações e o controlo de prazos de fabrico, assim como a pontualidade permanente de entregas aos clientes, sem compromissos.

Em resumo, esta perspetiva, revestia um avanço corajoso, de origem tipicamente *schwäbisch* e plenamente concretizada num quarteto competente. Reclamações nestes dez anos, jubilou Jorge, levantando o copo, para brindarmos todos, foram *zero,* com exceção de dois protestos contra a fraca qualidade da cor das matérias primas, mas que não são de origem portuguesa, é bom de notar. O banco alemão, com dependência em Portugal, tinha dado um apoio considerável para o *start up* de há dez anos. Todos os empréstimos foram pagos. Hoje, passado tão veloz o tempo, esta criação e a existência sólida da empresa dava folga e alegria para os dois casais com as suas novas

famílias. Os pais, José e Margarida, para não esquecer, tinham dado uma garantia pessoal há dez anos atrás, uma quantia bancária considerável, assegurando assim – bem oportunistas – uma realização familiar evidente para portugueses: que os dois filhos vivessem com as famílias permanentemente bem perto de si, em Portugal. Cada casal com duas filhas e filhos, uma realidade feliz. Uma reimigração de Portugal para Alemanha não estava planeada, nunca. Em pura teimosia *schwäbisch,* os dois estavam plenamente convencidos sobre o seu sucesso de investimento em Portugal. Decidiram que por certo seria uma vida inteira portuguesa, sem esquecer o *Schwabenland.*

Falámos na mesa do restaurante da colorida praia vicentina, com muita alegria sobre algumas pontes culminantes deste êxodo para o sul. Uma primeira aventura foi a de encontrar uma localização conveniente para a firma e as duas famílias, alugando uma fábrica conveniente ou realizando–se uma nova construção que, em todo o caso, devesse ser perto de Lisboa ou Porto para as necessidades culturais, p.e. as *excursões de shopping* das mulheres, e a educação das crianças na escola alemã destas duas cidades. Muito importante foi também um fundo suficiente de operários e uma confortável e razoável ligação logística à rede viária do país. A Câmara de Comércio Luso-Alemão ajudou, nomeadamente através das suas estatísticas de atualidade, a identificar as condições úteis para investimentos estrangeiros. Finalmente dois locais entre Évora e Lisboa tiveram preferência, mas situados em diferentes municípios. Em visitas operadas nestas duas terras, os dois presidentes da Câmara Municipal fizeram um concurso rigorosíssimo e seríssimo, impressionante mesmo, com promessas extravagantes para serem escolhidos como lugar de investimento. Ambos tinham largas quantias de desemprego na comunidade e ambos os municípios dispunham de um parque industrial com ligação a água, gás e eletricidade para uma nova fábrica, incluindo a extensão do pavilhão. O primeiro presidente fez a promessa de pagar o IMI durante o período de três anos, o segundo deu a garantia de fazer face aos custos para ampliar o acesso do terreno em causa para grandes camiões. O primeiro propôs que a Câmara pagasse durante um ano os custos de segurança social da nova firma, o segundo respondeu com a criação dum jardim de infância para as famílias dos trabalhadores, bem como outras surpresas e ofertas, tais como *subsídios particulares,* circunstâncias efeito pingue-pongue que só são possíveis em Portugal. Jorge e Paulo, com uma educação e inspiração limitadas alemãs, ficaram boquiabertos. Neste caso, não era mais do que um primeiro desgosto sobre a fundamental vida quotidiana livre e flexível no palco português, para os dois homens de negócio internacional. A diferença essencial entre uma programação perfeita fixa alemã e a improvisação flexível portuguesa, mais do que estranha. Mas esta *flexibilidade* dos portugueses é um dos sinais articulares genéticos que o nosso quarteto cada vez mais viria a conhecer, em sentido positivo e negativo, com todo um caleidoscópio intelectual, e com o eminente risco de entrar no labirinto das complicadas estruturas da economia e administração pública portuguesas. Tentar apreender as suas regras muitas vezes misteriosas, obscuras e opostas à clássica compreensão e de logística dum *normal comerciante europeu,* foi um verdadeiro desafio. «*É difícil e complicado»,* foram as palavras mais ouvidas. Atenção: em Portugal, a contagem um mais um pode ser, sem qualquer vergonha, legalmente 1,95 ou 2,25, a ligação entre dois pontos, com uma sequência de muitas curvas e continuamente ir e voltar. É hábito e oportuno, falar em primeiro lugar de planos e configurações do que de resultados. A vida política joga esta carta para mostrar frente ao público atividades sérias e inspirações profundas, sem chegar a verdadeiras conclusões – e arquivar calmamente um projeto difícil e complicado. Os portugueses são campeões em vender esperanças e confiança, com um vocabulário muito bem escolhido – *«não se preocupe; estamos a tratar do assunto»,* mas no balanço final, muitas vezes entre as promessas e as concretizações verifica-se que não há correspondência à almejada projeção. Conforme a sua mentalidade, um português não gosta de dizer *«não posso»*. Quer colaborar e ajudar, fazer o melhor, provar que tudo está ao seu alcance e brilhar com a sua capacidade de improvisação – mas finalmente desiste, quando já não aguenta mais a tarefa. Uma divertida capacidade inerente é a de construir desculpas e pretextos virtuosos, em vez de simplesmente confessar uma incapacidade ou fraqueza próprias - ainda normal e perdoável talvez. Mais ainda: em caso de problemas, a culpa deve ter sempre um outro ou outros, faz o favor. E este povo descobriu América, nenhum outro, e inventou a educação escolar sistemática para as suas crianças.

Jorge e Paulo no fim encontraram um bom compromisso com os dois presidentes. Compraram um terreno para a firma num primeiro município, uma casa privada para a habitação de todos, noutro município. Um achado emocionante nesta casa: tratou-se duma velha quinta, num ambiente antigo fabuloso alentejano, de onde, das várias gerações de uma família, não havia mais ali quem permanecesse. Os possuidores antigos espelhavam a conformidade com o bom espírito português de emigrar para toda a parte do mundo, em busca de melhores condições de vida, como fizeram, cheios de ilusão, os pais José e Margarida, há 29 anos. Os irmãos estavam cheios de entusiasmo. Na restauração desta joia encontraram-se debaixo de trepadeiras multicolores bandos de corvos. Falaram muito sobre a sobrevivência humana, enquanto se ocupavam dos telhados podres cheios de ninhos de coruja e morcegos. Um sonho de restauração para o quarteto foi a renovação em conjunto com a construção da fábrica, uma experiência sensacional, nomeadamente para salvar e restaurar o carácter autêntico deste velho exemplar duma

enorme propriedade, de grandiosa categoria: um latifúndio nobre, duma velha família burguesa que viveu com três ou quatro gerações debaixo do mesmo telhado. Um ponto decisivo foi o facto de haver ali naquele local uma nascente em função, uma mina rica com água própria, ainda para mais nesta região, cada vez mais seca, era uma verdadeira vantagem rara e insuperável, já para não falar do romantismo duma renascença de reencontrar toda a sonolenta autoctonia deste ambiente. No achado incluía-se também o uso duma velha roda hidráulica para o grande jardim, até aos horizontes em torno. Para Jorge e Paulo, em colaboração com as mulheres, era uma verdadeira metamorfose: a terra antiga transformava-se maravilhosamente em terra nova. Investidores com determinados sonhos, veem composições infinitas nascer em Portugal.

Mas esta compra do terreno privado revelou–se numa segunda fragilidade evidente do país, a falta de inscritos certos e honestos nos registros cadastrais. Os irmãos assinaram um contrato de compra e venda. O vendedor, um descendente e neto da família desta quinta, representado por uma advogada, submeteu um ´autêntico plano do século passado. Mas o conteúdo não era atual. Porquê? Antigamente em Portugal não era necessário a inscrição de um novo proprietário sempre que houvesse uma mudança de proprietário do terreno, no registo. Ainda hoje o Estado, em qualquer ponto do país, faz apenas a primeira inscrição definitiva em inúmeros terrenos, especialmente nos baldios, para saber a quem pertencem os terrenos dum município. O que se verificava nos tempos antigos era apenas a celebração de contratos notariais entre as partes, entre vendedor e o comprador, nada mais. Podia assim acontecer que o texto verdadeiro da inscrição fosse falso, não atual. Assim era também o nosso caso: uma parte da quinta tinha sido vendida nos anos 80 a uma sociedade de turismo para construir casas de férias. Mostrava-se, pois, necessária e imperiosa, para os dois casais, a retificação do registo. Por este efeito legal todos os descendentes, filhos ou netos na linha reta até bisnetos, deviam pedir por via de requerimento notarial a atualização do registo. Encontrar os descendentes em causa, em todo o mundo, foi um verdeiro bico de obra, mas finalmente lá se conseguiu com o apoio deste neto, que representou a parte na qualidade de vendedor. Nem pensar que faltasse o consentimento de um só descendente ou ele não quisesse aceitar a venda – fim do assunto lírico. Lamentável era que, na representação do vendedor, uma advogada, mandatária responsável do processo, não veio a clarificar atempadamente todos os elementos duma venda sem risco, uma ação imperdoável da sua parte, fazendo com que se estabelecesse uma confiança duvidosa, nada segura, para com os irmãos e as suas mulheres. Também em Portugal nem todos os advogados tratam das suas tarefas com a responsabilidade devida. Mais uma experiência essencial para os novos imigrantes.

A questão apresentava ainda um outro e bizarro aspeto. Tentando explorar com um perito da Câmara o tamanho verdadeiro que restava desta quinta, aconteceu que o perito descobriu que o vizinho do lado tinha mudado os marcos do terreno a seu favor. Que vergonha!? Em Portugal é um *jogo social* bem sabido, nomeadamente de terrenos que ficam desabitados ou sem uso efetivo durante muito tempo, mudar ou tirar completamente marcos ou balizas. Esta manipulação é criminosa. Existe uma famosa publicação dum professor catedrático da escola de Direito da Universidade do Minho, em Braga, com o tema: «*Como posso perder a minha terra?*» que aborda este tema expresso: o facto *roubo secreto* via mudança ou desaparecimento dos marcos. Por isso, em caso de compra de terrenos, um plano oficial e atualíssimo da Câmara e respetivamente do registo, é necessário. Também no caso dos dois irmãos, depois da verificação certa do tamanho do terreno pelo perito, a contrariar aquilo que constava do contrato compra e venda, dirigido pela advogada, verificou-se que, na verdade, este apresentava cerca 500 m² menos, uma surpresa para todos. No entanto, aproveitou-se a deixa para diminuir o preço de compra e repor os marcos ais sítios justos. Todo correu bem no fim, felizmente.

Depois destes contos divertidos sobre «*alguns efeitos naturais do nascimento*» da emigração para Portugal, os quatros na mesa voltaram aos pontos essenciais da vida quotidiana, agora, após de dez anos experiência, incluindo o das duas mulheres. A minha própria mulher e eu fomos como um autêntico auditório. Unanimemente constataram que a decisão de vir para Portugal foi um sucesso indiscutível. Jorge começou por sublinhar que Portugal é um país socialmente pacífico. Na Europa, o Vaticano, Andorra e o Liechtenstein são os três outros estados sem lutas sociais e barulhos de protesto nas ruas. O caráter português não é belicoso. Claro, um português gosta de se lamentar e de se queixar sobre os desequilíbrios sociais, mas lamenta também com a boca cheia sobre a fome. Uma boa cena de filmagem: quando três portugueses estão sentados na mesa com um bom copo de vinho, toda gente sabe, que preferem queixar-se fortemente sobre qualquer problema privado da vida. Porquê?

Paulo mudou o tema, fez uma valorização poética ao país e explica que «*f*» representa a lista das vantagens puras: festas, festivais, feiras, férias, feriados, fado, futebol. «*Frango com arroz*», completa Sonja esta imagem poética, apontando com o dedo para o seu prato e para os pratos dos outros com uma boa seleção de frutas do mar. Portugal tem uma comida muito rica, uma mesa sempre cheia, em todas as regiões, com produtos naturais e sempre frescos, ao contrário, como lamenta Sonja, que conhecia bem a comida industrial da Alemanha, onde um tomate tem o sabor de borracha, não como em Portugal, onde o tomate é 100 % tomate real. Ponto final! «*Mas no nosso país o povo abusa da comida exagerada, consequências terríveis para a saúde*», acrescenta Stella. Ela cuida com muita atenção a sua figura, faz maratona e pratica uma dieta

saudável. Sublinha que, do ponto de vista da saúde, três grandes refeições não são necessárias, um bom almoço perturba o ritmo de trabalho, vislumbrando, ainda, os demais efeitos negativos de uma alimentação sem controlo: uma grande parte dos portugueses apresenta problemas de colesterol, de fígado e de doenças cardiovasculares, já para não se falar das quantias enormes de comida deitadas fora. Finalmente domina o número crescente das pessoas com peso a mais, nomeadamente também das meninas. *«Em comparação com os países europeus, Portugal tem como tópico o luxo perigoso de duas refeições quentes por dia»,* diz a Sonja que, como alemã, tem dificuldade em perceber esta mania portuguesa de comer muito. *«Bom e muito»,* corrige Paulo com voz gulosa. O seu marido Jorge, não tendo dificuldade com a manutenção do peso, defende esta vida boa, bom e muito na mesa portuguesa. Mas deitar fora comida, nomeadamente em tempo de crise, quando grandes quantidades de pessoas no mundo passam fome, ele julga um escândalo criminoso.

Todos estão contentes com a vida em Portugal, com o desenvolvimento da firma e o nível de vida privado. Gostam deste país, continuamente no top de regiões da Europa, com o maior número de horas de sol, com este ar puro incomparável e uma gente acolhedora. Instalaram pequenas mudanças familiares: conforme uma nova regra, inventada e fixada pela Sonja, vale uma *«lei da família na mesa».* Nas refeições conjuntas é estritamente proibido o uso do telemóvel ou qualquer outro aparelho digital e ninguém deve queixar-se ou lamentar-se. Essa regra, imposta por ela, eleva as conversas a alto standard, de criatividade e intelectualidade, para além de melhorar a qualidade e o valor de se ter companhia. Viver na realidade, não num mundo frio digital e virtual, e distribuir um espírito positivo contagioso, era desde sempre a sua filosofia de vida. A mesma arma, para salvar um bom resto da vida pessoal e um ambiente vivo, pratica um restaurante no Porto. Na entrada cada hóspede deve colocar o seu telemóvel num cesto grande e apanhá-lo apenas na saída, como se fosse o sucesso de um caçador que atira definitivamente sobre a sua presa. O silêncio moderno dos charlatães da internet não tem lugar, conversas à mesa estimulam o apetite, a fantasia de saborear aliada à aventura do petisco raro que está no prato.

Esta mesma Sonja propôs, em conformidade com esta própria filosofia de *pureza de mesa,* como passar as refeições conjuntas, fazendo uma análise geral sobre estes dez anos, repleta de opiniões, enfim resumos sociais, e uma alegria conjunta – verdadeira animação. Apontaram-se a título de comparação das diferenças essenciais, entre a estrutura social da Alemanha como país de nascimento de quatro desta malta na praia do Alentejo, eu incluído, indagando Jorge, Paulo e Sonja sobre os tempos de infância, da adolescência e da educação profissional na Alemanha como pátria de origem e a vida de hoje, onde veem também as necessidades e opções de futuro das crianças. Crescem num ambiente português, com a influência duma educação na escola alemã, em Lisboa. Aproveitam de uma visão equilibrada e uma viável mistura de ambos os países, numa identificação sólida futura. Em qualquer uma das duas famílias a língua alemã é a mais usada, bem como as escolhas televisivas estrangeiras, elas têm também prioridade. Assim o nível cultural aumentou com a implementação deste sistema.

Jorge recordou-se: *«A vida na Alemanha é como uma maratona todos os dias. Não chega correr esta distância, mas deves também brilhar ‹no top›.» High speed* a toda a hora. *«Um alemão salta de manhã cheio da emoção da cama»,* brinca com as palavras, *«para inventar novamente a roda. Um português, ao contrário, levanta-se conforme o som cruel do despertador, esperando que nada fora da sua comodidade aconteça a si, à sua família e que a sua amada equipa de futebol ganhe o próximo jogo».* Calma versus um ritmo imperativo. A agilidade alemã versus a comodidade portuguesa são diversas cartas de visita das duas mentalidades. Jorge prefere a edição tradicional portuguesa. Confessa que quer passar uma vida sem stress, viver bem e trabalhar *doseadamente,* não como na Alemanha viver para trabalhar sem fim, ironiza. *«A vida em Portugal é mais humana»,* sublinha, e isso vê-se na própria firma, que o sucesso não precisa nem de manobras laborais exageradas nem de cópias de maratonas. *«Mas uma perspetiva preferida deste tamanho só vale a pena para a nossa ‹elite›, a classe média e a classe baixa sofrem da ‹política romana› do governo»,* interrompe Sonja. Stella quer saber o que é uma *política romana.* Jorge, com muito interesse pela história em geral e naquele tempo o melhor na escola na disciplina de história, explica com tom de professor a sua tese, que a Roma antiga viveu e floresceu num sistema político *›panem et circenses›*, ‹pão e jogos›, em português.

«Significa que uma pequena elite em torno de César e dos tribunos mandava no resto do povo que recebia sempre comida, para ver satisfeita as suas necessidades básicas. Já a elite propagada por César e os seus tribunos acolhia para o povo jogos, estes famosos espetáculos de gladiadores, puro entretenimento. Serve ainda hoje a testemunha deste lugar, o velho estádio do Coliseu de Roma. Portugal representa uma cópia autêntica desta estruturação geral do estado. O governo é César, os ministros são os tribunos. O futebol serve para o divertimento do povo. O povo, com a garantia do salário mínimo e bastantes supermercados goza a oportunidade de prover a sua alimentação. O sistema de estádios dos espetáculos é mais diversificado, ´circenses de bola´ há todos os dias, de manhã à noite e para os reformados, para os cidadãos ativos, todos os dias. Os gladiadores modernos podem sobreviver tendo mais de 30 anos, se viverem de acordo com o isolamento e as regras do seu clube, algumas delas copiadas diretamente do funcionamento de um jardim de infância.» Toda gente na mesa ri, mas Jorge bate com o copo na mesa, confirmando o seu ponto de vista altamente selecionado, muito bem explicado. *«A maioria dos gladiadores modernos,*

de 17 até 25 anos, precisam, quando saem da casa de família, de um tratamento de inclusão saudável, de preferência nas gaiolas douradas, idênticas à vida das béstias aquarteladas e fechadas de Roma.»

Paulo é o que se segue na análise dos dez anos passados fora da Alemanha. Ele, nascido a um domingo e por isso um *Sonntagskind, criança de domingo* em português, como diz a voz do povo alemão, com garantia de que nascido nesta data terá uma vida sempre do melhor, é também o nosso *doutor,* como Stella lhe chama, numa mistura de alegria, carinho e muita ironia. Apanhou este título de excelência num posto de gasolina, quando abastecia gasolina no seu mercedes sport descapotável. Depois de ter pago em dinheiro, o homem do abastecimento cumprimentou-o com voz servil *«boa viagem, senhor doutor».* Paulo não conhecia este senhor, nem vice-versa. Mas parece ter um simbolismo certo, o de se ser *doutor* em Portugal. Muitos membros da *elite* alimentam a mania curiosa de dar-se a um aspeto intelectual: um fato elegante, um comportamento com palavras imponentes, óculos de sol, pagamento sem cartão e conduzir um último modelo de luxo, são condições suficientes, para se ser elevado a *doutor,* mesmo que nunca o candidato tenha passado por um curso superior ou uma educação académica. Presidente, diretor, dirigente, engenheiro, são títulos sem limitação como o magnetismo duma droga. Uma posição na política tem sempre o perigo e, respetivamente, a tentação, mas também a oportunidade, é sabido, de ser-se atribuído com a decoração ilustre de *doutor.* Vale a pena ler com muita paixão e gosto a crítica do escritor Joaquim Peito na PORTUGAL POST nº 227 de junho de 2013, página 5, intitulada: *«Por que somos um pais de ‹doutores›?»* Brilha este português autentico com piada, palavras sérias e incisivas que, *«aqui no nosso cantinho, qualquer pé descalço quer ser ‹doutor›».* Pergunta cinicamente, *«se esta veneração é um sinónimo de inteligência, um indicativo de riqueza por parte do portador a um almejado título chique».* Seja como for, com este desejo óbvio de equilibrar o sofrimento e tormento de outros de inferioridade académica, a partir desta data, o ilustre Paulo tinha esta engraçada alcunha, sabendo que o seu trabalho nos têxteis do mercado português e internacional não requeria uma licenciatura nem uma falsa aura de importância. Paulo não mencionou que na Alemanha o uso dum falso título académico significa uma conduta ilegítima, punindo conforme a lei penal, como ato criminal, até um ano de prisão. Em Portugal não chegavam as prisões, se a lei fosse igual.

Paulo, para voltar ao motivo deste encontro, o de festejar os dez anos de trabalho comum, elogiou o potencial, a disciplina e o comportamento pacífico dos trabalhadores portugueses. *«Se tivermos de comparar o nosso país com a restante Europa, como provam as estatísticas internacionais, os trabalhadores portugueses fazem poucas greves. Fora, por exemplo na Alemanha, França, Suíça e Luxemburgo, os trabalhadores de Portugal têm, em princípio, prioridade na colocação por causa da sua capacidade profissional e tranquilidade laboral.»* Também na sua fábrica, sublinha Paulo, encontram-se estas qualidades materiais e humanas, os produtos e a colaboração de dez anos com um operariado adulto e equilibrado prova a história dum sucesso industrial exemplar, sem *doutores de banana* na equipa, ao contrário, como Paulo titula sem respeito estes *selfmade-doutores,* fora dum nível académico, esta categoria está também em vigor em Portugal. Importante é, sublinha, uma gerência competente na administração, com bom planeamento e que detenha um sistema inteligente e transparente de controlo.

Sonja tinha ainda muito que apreender da anima portuguesa. Passar apenas uma vez por ano algumas semanas de férias no país não chegava para sentir os segredos fininhos da vida portuguesa. Devia entrar no meio do povo. Assim a sua participação na vida cultural e social foi uma oportunidade de ouro, para sentir o verdadeiro ´bater de coração do povo, a sua maneira de pensar, amar, odiar e partilhar a existência com os outros, como lhe ensinou sempre o seu marido. Para ela, a chefia do dinheiro, a vida cultural – cantar, dançar, tocar numa banda guitarra – foi a compensação evidente para um trabalho seco e formal. Como sabia tocar piano e guitarra, entrou num rancho folclórico do município. Ensina as duas meninas das duas famílias, que queriam também um dia entrar neste grupo folclórico, seguindo os passos da mãe e da tia respetivamente. Tocar guitarra, era o sonho delas. Os dois filhos prefiram o futebol e jogam com muito sucesso na equipa local, combinam a bem visível inspiração genial portuguesa para a bola e a eficaz disciplina alemã que só a ligação direita entre a bola e a baliza garante muitos golos.

Falando dos homens, Sonja não hesitou em criticar a educação dos filhos em Portugal. Diz que em Portugal há muito mais ´meninos da mãe´ do que na Alemanha. Quantidades como uma praga, brinca ela. As meninas e as senhoras são visivelmente mais adultas, mais eficazes em tudo e muito menos insatisfeitas. *«Um menino da mãe é sempre digno de compaixão virtual»,* ironiza Sonja com bastante piada. A portuguesa Stella argumenta que uma certa frustração com o marido dirige uma atenção exagerada na direção dos filhos com *substituição viril.* Suspeita Sonja, depois de dez anos de vida em Portugal, que as hierarquias tradicionais de famílias favorecem ainda os filhos varões, contribuindo para uma falsa aplicabilidade moderna e desenvolvida. Stella, continua afirmando, que um filho da mãe não tem capacidade de amabilidade profunda para com o sexo feminino, causando assim um *ciclo vicioso,* fazendo assim que a sua futura esposa, frustrada, continue neste automatismo em criar o próximo menino. *«Porquê a frustração e porquê discutir, qual dos dois foi o primeiro, o ovo ou a galinha»,* quer impacientemente saber o Jorge. A discussão avança com vozes que se esforçam: *«Porque a instituição do matrimónio em si em Portugal é frágil, com esta mentalidade genética portuguesa, ‹de pre-*

ferência sem compromisso›. A mega-maratona dum casamento não é muito conveniente para uma demostração e uma composição sustentável», Sonja decreta. «*A estatística mundial de divórcios prova que na Europa, Portugal consta no primeiro lugar dos casos.»* Esta frase aventa logo um pesado silêncio para a mesa. Sonja abre o seu telemóvel, pedindo uma exceção à regra comum e sacrossanta, e mostra aos outros o resultado: mais do que ¾ dos matrimónios no país não têm sucesso, conta-se apenas o número de decisões judiciais, mas deixa de fora a quantia de vida comuns, mas acabadas de facto. Paulo salva energicamente a situação melindrada, desgostoso, sublinhando que não há nenhuma necessidade em discutir este delicado assunto de harmonia familiar na sociedade portuguesa, estas fraquezas sociais – felizmente – não têm que ver com as nossas próprias famílias de feliz mistura luso-alemã. Estão reunidos hoje, batendo mais uma vez com o copo na mesa, para festejar o sucesso de dez anos de emigração em Portugal e não se deve analisar o país em aspetos sociais de divórcio, separação e consequências familiares. Ponto final! Bridam todos – aliviados – com os copos, mas a retrospeção continua. A minha mulher portuguesa tinha dificuldade na interpretação destes temas por causa do seu ponto de vista muito clássico.

Stella, a última no discurso festivo, única de sangue puro português, gosta da mentalidade decisiva alemã, esta genética preferência de agir em vez de reagir. Admira a música clássica deste povo. *«Chega a brilhante lista de compositores na cultura com a letra ‹B›»,* levantando três dedos, *«para ter um pequeno bocadinho desta fulminante riqueza musical: Bach, Beethoven, Brahms». «Os alemães são modestos e simples: sabem o que querem e fazem, executam. As roupas são modestas, também as das senhoras. Não contam - nem pensar, tal como no método da comunicação portuguesa, em que todos falam numa reunião ao mesmo tempo – muitas palavras, sem conteúdo, nem factos nem resultados.» «Podemos cantar juntos, mas não fazer uma discussão eficaz juntos»,* um ditado alemão dirige os planos fixos da vida quotidiana. *«Um ponto, depois outro ponto«,* é também uma simples filosofia alemã. Já no que toca aos concidadãos europeus, os companheiros portugueses preferem agir segundo os vários pontos na agenda *com pressa,* mas acabam por adiar as coisas para amanhã, particularmente quando os assuntos são complexos. *«Conheço pessoas no meu trabalho como os fornecedores»,* conta Stella, *«que arrumam todos os dias as coisas esquecidas ou adiadas de ontem e anteontem.* Falta um planeamento razoável do dia, para no fim ganhar tempo e qualidade de vida. O *Zeitplaner* é um horror para um verdadeiro português, categoricamente, no fim de contas, fica apenas a improvisação.

A língua alemã é difícil para ela, o humor profundo alemão é muitas vezes obtuso para ela, mas ela aprende as duas competências sociais com o marido e as crianças, aproveitando em primeiro lugar a televisão alemã que é a preferida de toda família, nomeadamente para as crianças, que falam desde o jardim de infância português, também com os vizinhos e outras pessoas na vida quotidiana. É óbvio que, como dominam as duas línguas perfeitamente, ajudam Sonja bastante nas traduções, os falantes da língua portuguesa, com a autêntica pronúncia alentejana.

Stella critica que na sua posição *as matérias primas* precisam de muita paciência com os fornecedores. Como a fábrica trabalha com um ´sistema de just-in-time, as matérias primas têm de chegar pontualíssimas. Mas pontualidade é um problema nacional, um certo defeito geral na sociedade. Muitos portugueses parecem gostar de andar atrasados. Este *defeito* é evidente em qualquer situação da vida: num evento cultural, p.e. como convidado num casamento, numa festa qualquer ou num simples jogo de futebol, perdendo-se aí uns 20 minutos do início do espetáculo. No entanto, esta forma de estar assume outro valor sempre que for para se observar e cumprir diligentemente os prazos na vida comercial. Assim Jorge e Paulo, em princípio, só fazem contratos com fornecedores, com a condição de haver multas convencionadas em caso de atraso, sem justificação verdadeira ou provada. Insistem, também, em visitar as fábricas ou locais de produção dos fornecedores, mesmo fora de Portugal. Então: funciona bem, evita este aglomerado de falsas promessas, demoras permanentes, advertências, reclamações, mentiras e desculpas, adiar as respostas, perdendo-se significativamente no fim, o precioso tempo. E, para não esquecer, os próprios clientes, em todo mundo, podem estar seguros de que receberão a mercadoria nos prazos estipulados. Qualidade, preços competitivos e pontualidade são pilares essenciais, com letras maiúsculas, nos documentos oficiais e publicidade da firma – uma reputação de confiança, estabilizada em dez anos. Merece um grande cumprimento este conceito.

Continua a animação sobre o passado: Stella não quer deixar Portugal. A vida aqui, com esta riqueza na música, não só no fado, a alegria das festas e festivais, as praias continuamente cheias de sol, nomeadamente para as crianças, o ar saudável e, para reforçar, o ambiente político e social pacífico, assim como a comida caseira, para ela não há alternativa razoável, nem na Europa e nem no resto do mundo. A vida encontra-se cada vez mais desequilibrada, com diversos riscos associados: distúrbios sociais, sanitários, de viagens, etc. *«My portuguese summer»,* decreta ela em língua inglesa, *«é o programa completo e único de bem-estar, com todos os tradicionais eventos culturais; mais uma vez, incomparável no mundo inteiro».* Ele lembra-se bem de como Jorge, Paulo e Sonja muitas vezes lamentaram o mau tempo em Stuttgart no verão – semanas de chuva, nevoeiro, sem ver o sol, Europa central debaixo dum cortinado arcaico de nuvens – cidade conhecida na região pelo seu *intenso smog.* Ficar, mas é em país de sol! As crianças com a sua *múltipla educação* vão ter várias *mega oportunidades,* se as coisas em Portugal

correm mal, como os avós por exemplo fizeram, quando emigraram de Portugal para o Luxemburgo e Alemanha. Viveram, por isso, uma existência cheia de boas surpresas e no fim repletas de alegria e satisfação. Depende das profissões concretas dos miúdos e se as condições gerais da sociedade portuguesa continuam, grande parte da juventude, bem qualificada e com títulos académicos, não encontrando trabalho adequado no país, vê-se forçada a emigrar. *Emprego Portugal* é um ponto sem real esperança. Atualmente a emigração portuguesa está já distribuída por mais de 80 países no mundo. Mais de metade dos portugueses vivem *fora na diáspora.* Todas as atividades periódicas do estado português com programas de remigração não têm qualquer sucesso visível ou efeito evidente. Portugal continua um país de emigração para os jovens. A sua estrutura social não consegue estar ao nível da Europa, nomeadamente para as senhoras, o cenário social é catastrófico, visto que Portugal também bate records de desigualdade de género. No entanto, o caso dos nossos dois irmãos é um puro caso singular e também um bom exemplo para copiar.

Stella não aceita que a gente pelo mundo fora, assim como muita gente dentro do país, tenha a ideia e que Portugal reúna uma economia cheia de corrupção. Mesmo a imprensa portuguesa – televisão e jornais – não para de criticar sistemas de apresentações fora de legalidade em todos os campos da política, da administração, da indústria e do comercio. A propósito de corrupção, das dez diretivas europeias em vigor no combate ao flagelo, Portugal apenas transpôs para o seu ordenamento jurídico quatro dessas diretivas. Mesmo a jurisprudência até *ao top* não apresenta sempre uma cara limpa, sem mencionar um *rengelismo* provável. Stella tenta acalmar e relativizar esta condenação injusta do público em geral, com a sua observação e posição pessoal independente. Traça um desenho moral, cujo caráter aponta o facto de os portugueses ideologicamente na vida política, pública e privada não serem, em princípio, corruptos no sentido criminal. São sim facilitadores na luta quotidiana de uma ´mistura elementar de flexibilidade, conforme as circunstâncias, conforme a possibilidade de improvisação, conforme a necessidade e a inspiração adequada para uma melhor solução em função dessas mesmas circunstâncias. A *musa impotente* cunha é um fundamento cínico em todos os setores da sociedade. *«Mas se cada um exerce assim o seu poder, como pode funcionar de forma honeste o estado»,* reagiu Sonja com emoção forte, educada no fundamento moral de respeitar as regras humanas comuns e da lei, confiante para a seriedade duma palavra dada, o fidedigno dum contrato, a segurança das coerências civis, os pilares éticos num povo evoluído, *«dominam deferência e arbitrariedade, floresce um caos e um oportunismo ao bel–prazer do egoísmo»,* completou. *«Se for aceitável e generalizado»,* continuou ela sem respirar, *«o comportamento duma classe ‹auto–omnipotente› que age sem qualquer filtro ou sem os imprescindíveis escrúpulos, nomeadamente com esta ‹magia irracional da musa cunha›, uma sociedade pura acabe».* Sonja com estas palavras deu finalmente uma lição de política social. Acrescentou sofisticamente que a palavra *corrupção* ne sequer conta como sinónimo da imoralidade; quem suja as suas mãos com quaisquer métodos, seja contra quem for, individual ou em grupo. Este reflexo é prova evidente da vida do quotidiano em Portugal. Mais uma vez se fez um silêncio profundo na mesa. Então, Jorge diz com voz calma: *«A corrupção é um cancro mundial, com facetas tentaculares, também na Alemanha, é uma constatação bem conhecida, óbvio que com outras dimensões mais volumosas, como se vê por exemplo na indústria de automóveis, na construção fenomenalmente caríssima do novo aeroporto de Berlim, entre outros exemplos impressionantes e públicos.»*

Paulo pede à sua cunhada para não exagerar, visivelmente a polícia judiciária trabalha com grande sucesso, as sondagens dos resultados desse trabalho de fiscalização e investigação são impressionantes. *«Mas onde estão os resultados idênticos nos tribunais competentes?»* a Sonja insiste, com a cara já vermelha da indignação que sente, *«onde os castigos definitivos com têmpera para novas atividades ilegais, com efeitos plausíveis para a comunidade e a favor da ordem pública?»* A impunidade destes senhores em fatos elegantes, aliada à frivolidade e arrogância de muitos *leaders* é óbvia, a lista dos nomes de pessoas gravemente culpáveis é extensa, mas escapam numa liberdade espetacular e intolerável.

Antes que a discussão perca o equilíbrio, os irmãos começam a fazer uma prospecção para os próximos dez anos. Decidem democraticamente e finalmente de forma unânime que a vida em Portugal vale a pena continuar, mesmo com estes vários defeitos no sector social e o grave desequilíbrio entre as classes, sem ver uma mudança real desta situação paradisíaca da *elite,* protegida através dos meios legais e práticos. Mas uma vida e sociedade perfeitas não existe em nenhuma parte do mundo, também não nesta Alemanha de Sonja, os movimentos de extrema direita e esquerda e os problemas com os refugiados mais e mais à jour, numa tendência claramente crescente. *«Inacreditável como a política portuguesa encontra sempre medidas para evitar estes distúrbios sociais similares»,* sublinha Paulo.

Resumiram eles que o bom tempo, o sol sempre bem presente, o bom ar, a paz social, o fado pacífico e os olhos tão bonitos das meninas e senhoras portuguesas são o garante de uma certa ´ligeireza de ser são companheiros insuperáveis de fantasia necessária. E o sistema moderno de televisão importa a vida de fora com vitalidade cada vez mais multipolar, com a possibilidade de apagar qualquer infiltração falsa ou incómodo. Finalmente existe a possibilidade de emigrar. As crianças, todas as quatro, são da mesma opinião, existe ainda o mercado europeu. Aliás: alguém deve ou pode continuar as atividades dos pais ou

ampliar as atividades deles no sector dos têxteis, para Portugal um pilar das suas preferências e prioridades industriais e comerciais, como mostra a própria decisão, formada com diligência em *Schwaben* e nos dez anos já passados. A posição social das duas famílias é firme. Jorge é desde há dois anos membro da Associação dos Têxteis Portugueses, dirigindo a pasta do comercio europeu. Paulo é perito oficial para assuntos arbitrais e litigâncias judiciais no sector do têxtil. A firma recebeu há quatro anos um prémio da Câmara de Comércio para criar uma tecnologia fundamental com o objetivo de estabilizar as cores neste sector de fabricação e ter aumentado os postos de trabalho em tripla dimensão.

A situação perfeita económica para os irmãos e para as suas famílias vê-se pelas novas máquinas da marca Mercedes – na firma e privadamente – e nos dois automóveis Smarts das duas senhoras, também um produto Mercedes, de pequeno tamanho, este sucesso técnico demostra a parcimónia alemã de Sonja e Stella.

No momento da partida, fora no parque de estacionamento – todos se encontravam bem-dispostos – a minha mulher alentejana que conduz um *Beetle* alemão descapotável, pergunta os irmãos, se não ficam perturbados, conforme as estatísticas de Bruxelas, que em Portugal 10% dos carros são carros de luxo da marca Mercedes. A Mercedes em Portugal é, assim, um carro do povo como o Volkswagen na Alemanha. Mas na Alemanha a percentagem dos carros Mercedes ronda uns modestos 2%, refletindo a riqueza do povo.

«Não», riram com prazer contagioso os dois *putos de Stuttgart,* agora em Portugal homens importantes de fabricação e comercio têxtil há dez anos com um conceito potente futuro. *«Com a atrativa marca Mercedes vamos sempre à frente, sentimo-nos também um pouco como a casa antiga, em Schwaben.«* Para eles, o *sound menor* íntimo dos carros figura como uma medicina mimosa contra a saudade afectuosa que bate ocasionalmente do amado país da infância e da adolescência. Certamente irão passar o resto da vida no Alentejo, a nova terra, cheia de muitos mistérios históricos, tolerando, ignorando ou superando com humor quaisquer surpresas inexplicáveis do dia-a-dia, nas áreas da política e economia nesta lindo país de sol e foguetes omnipresentes na alegria e no divertimento.